

Notas sobre a individuação intensiva em Simondon e Deleuze

As potências que encerram a vida remontam a um princípio de extrema importância para o pensamento, mas ainda pouco explorado por parte da filosofia contemporânea. Trata-se do *princípio de individuação*. Encontramos em Gilbert Simondon um estudo desse princípio e uma teoria profundamente original da individuação, capazes de nos lançar novos desafios e de promover novos modos de pensar esse problema. O princípio de individuação encontra eco no pensamento de Deleuze, que o aproxima de conceitos como: *diferença*, *sujeito larvar* ou *embrionário e corpo sem órgãos*. Todos esses conceitos, caros ao pensamento de Deleuze, aludem ao campo intensivo pré-individual. Pretendemos, nos limites dessas notas, introduzir o princípio de individuação de Simondon e algumas das ressonâncias que se produziram, a partir desse princípio, na filosofia de Deleuze.

O Princípio de Individuação de Simondon

Tudo parece ter início na recusa de Simondon à concepção monista e substancialista do ser e ao dualismo hilemórfico do indivíduo¹. O monismo substancialista pressupõe que o ser corresponde a uma unidade atômica, constituída de um núcleo de permanência estável, que resiste e subsiste por si só. Segundo o dualismo hilemórfico, o indivíduo é o resultado ou o composto engendrado pelo par matéria/ forma.

Todavia, tanto o monismo substancialista quanto o esquema bipolar hilemórfico parecem pressupor a existência de um princípio de individuação

* Doutoranda em Filosofia na UERJ. Pesquisadora do CNPq.

1 O termo hilemorfismo designa uma doutrina de origem aristotélica a partir da qual todo ser se constitui de matéria (*hile*) e de forma (*morphe*). A esse respeito Cf. Hottois. *Simondon et la philosophie de la "culture technique"*, p. 34-36.

que antecede o próprio processo de individuação, sendo, pois, capaz de explicá-lo de antemão. Trata-se, para essas duas correntes filosóficas, de buscar o princípio de individuação a partir do próprio indivíduo já constituído e dado. A subversão que Simondon promove na investigação da gênese do indivíduo consiste em recusar o indivíduo já constituído e o real individuado como ponto de partida para explicação dessa gênese. Trata-se, antes, de buscar a gênese do indivíduo no princípio de individuação, já que nem o atomismo substancialista, nem a doutrina hilemórfica fornecem a descrição completa da ontogênese do composto.

Para o atomismo, a gênese do composto é um corpo vivo, uma unidade precária e perecível, resultante de um encontro devido ao acaso, que se dissolve toda vez que a unidade do composto é atingida por uma força maior que a coesão de seus átomos.

O esquema hilemórfico pressupõe que o indivíduo resulta da conjugação da matéria e da forma, e que o ser é um composto (*sinolon*)². Nesse caso, o princípio de individuação, ao invés de ser apreendido na própria operação de individuação, apóia-se sobre a matéria e a forma de que esta operação necessita para poder existir. Isso ocorre porque o princípio é pressuposto como estando presente na matéria ou na forma e porque se subentende que a operação de individuação não é capaz de produzir seu próprio princípio, mas somente de empregá-lo. Para Simondon, entretanto, não assistimos a ontogênese em nenhum dos casos porque: “nos colocamos sempre antes dessa tomada de forma que é a ontogênese” (Simondon, 1964, p. 03).

Segundo Hottois, a crítica de Simondon ao hilemorfismo constitui o cerne de sua concepção da individuação em devir. Esta crítica se desenvolve ao longo de sua exposição, do princípio de individuação, e reside na desmontagem da metafísica dualista que atravessa a história da filosofia. Em razão disso, afirma Hottois:

O erro do hilemorfismo seria o de negar a realidade do devir ao pensar o real a partir do indivíduo constituído, assimilado a uma essência, ou a uma substância imutável, sem gênese verdadeira nem porvir autêntico (Hottois, 1993, p.34).

Em Platão, por exemplo, a forma define-se segundo uma essência ideal separada radicalmente da matéria³. Do mesmo modo como a *entelecheia* que

2 A esse respeito cf. Bailly. *Dictionnaire Grec Français*. p. 1865.

3 A esse respeito cf. Hottois. *Simondon et la philosophie de la “culture technique”*. p.35.

age na matéria, em Aristóteles, permanece-lhe exterior. O destino da forma, em ambos os pensadores, parece ser único: encarnar-se na matéria. Desse modo, a relação que mantêm a forma e a matéria é sempre de exterioridade. De onde provêm os problemas conhecidos do dualismo, que é incapaz de pensar juntamente o que ele inicialmente separou.

Ao invés de pensar a gênese do indivíduo como resultado da encarnação da forma na matéria, é preciso compreender, antes, que o indivíduo em sua gênese e realidade efetivas decorre do próprio processo de individuação, isto é, da operação de individuação e não de dois termos separados artificialmente que só poderiam ser pensados, por causa dessa cisão, de maneira exterior e abstrata. Desse modo, o princípio de individuação passa a ter prioridade sobre as noções de *forma* e de *matéria*. Em outras palavras, na medida em que a ontologia se apresenta repleta de dualismos é preciso que se pense a anterioridade da ontogênese sobre ela.

Considerando a realidade dessa operação de individuar, percebe-se a irrealidade e o caráter abstrato das concepções hilemórficas. Para Simondon uma *forma pura* e uma *matéria amorfa* não existem, pois a individuação exige a materialidade da forma, como uma moldagem ou uma modelagem. Nesse sentido, afirma Hottois: “O molde é muito real: ele próprio é o produto provisoriamente estável e, em certas condições, estruturante-individuante, de um processo de individuação” (Hottois, 1993, p.36). A materialidade da forma significa que o molde não é um arquétipo puro e universal e que a matéria não é totalmente amorfa, já que ela se apresenta relativamente informada (informação potencial) e, portanto, suscetível de ser informada novamente em função de suas próprias virtualidades.

Que a pesquisa do princípio de individuação seja realizada antes ou depois da individuação, segundo o modelo biológico ou técnico para o hilemorfismo, ou segundo o modelo físico para o atomismo, nos dois casos há uma zona obscura recobrando a operação de individuar. Ao invés desta operação ser considerada como aquilo que explica a individuação, ela é, ao contrário, considerada como coisa a explicar, de onde surge a necessidade de um princípio de individuação.

Assim considerado, o princípio de individuação pressupõe uma sucessão temporal, na qual esse princípio realiza a operação de individuação até o surgimento do indivíduo vivo. A individuação produz o indivíduo e faz parte de todo o processo, isto é, desde o pré-individual até o indivíduo constituído. Caso contrário, iríamos diretamente da individuação ao indivíduo, desconsiderando a ontogênese em todo o seu desdobramento e atribuindo a individuação ao indivíduo.

Simondon pretende efetuar uma reversão na investigação do princípio de individuação, de tal modo que a operação de individuação possa explicar como o indivíduo vem a existir, ao mesmo tempo em que lança luz sobre todo o desdobramento do processo de individuação. Em razão disso, o indivíduo passa a ser tomado como uma realidade relativa, uma determinada fase do ser, dependente da realidade pré-individual anterior a ele. Mesmo após sua individuação o indivíduo não existe só, pois o processo de individuação não esgota todos os potenciais da realidade pré-individual de uma só vez.

Aquilo que a individuação faz aparecer para além do indivíduo é o par indivíduo-meio. O meio não é necessariamente uniforme e homogêneo, mas como sugere Simondon: "...o meio é atravessado por uma tensão entre duas ordens de grandeza que mediatiza o indivíduo quando ele vem a ser" (Simondon, 1964, p. 04). Desse modo, o indivíduo, que não é o ser em sua totalidade, é tão-somente o resultado relativo de um estado do ser no qual não existia antes nem como indivíduo, nem como princípio de individuação.

Então, a individuação só pode ser chamada de ontogenética quando é operação de individuar o ser em sua totalidade. Quando a individuação manifesta-se em um sistema que compreende potenciais, e é incompatível com certas forças de tensão e de interação entre termos extremos das dimensões, ela deve ser considerada como resolução parcial e relativa.

A ontogênese deve ser tomada em seu sentido pleno: o ser deve, portanto, exprimir o devir. Para Simondon, a relação ser-devir expressa a defasagem do ser em relação a si próprio e sua resolução provisória em uma determinada fase. No ser pré-individual não há fases. Mas, no ser onde se dá uma operação de individuar há resolução provisória nas sucessivas fases, isto é, a resolução surge no seio da repartição em fase. O devir é, antes de tudo, uma dimensão do ser, dimensão do modo de resolução de potencialidades e de suas incompatibilidades iniciais.

A individuação diz respeito à aparição de fases no ser. Ela não é uma conseqüência que se deposita na borda do devir e que se isola, mas a própria operação enquanto efetuação. A individuação surge de uma supersaturação inicial do ser homogêneo e sem devir que, a seguir, estrutura-se e devém, fazendo surgir indivíduo e meio, a partir do devir que é resolução e conservação das primeiras tensões ou tendências sob a forma de estrutura.

Na individuação, o ser é pensado como sistema tensionado, supersaturado, acima do nível da unidade e não como substância, matéria ou forma. O ser não se constitui somente em si mesmo e não é pensado pelo princípio do terceiro excluído. O ser pré-individual, o ser completo ou ser concreto é mais

que unidade. A unidade e a identidade aplicam-se somente a uma das fases do ser, isto é, a uma fase posterior ao processo de individuação. A unidade e a identidade não ajudam a conhecer o princípio de individuação, pois não se aplicam à ontogênese, ou ao devir do ser, ao ser que se desdobra e se defasa ao individuar-se.

Simondon presume que a individuação ainda não fora pensada e descrita de forma adequada porque o equilíbrio estável era a única forma de equilíbrio que se conhecia até então. Para Simondon, o equilíbrio estável exclui o devir porque ele corresponde ao nível mais baixo de energia potencial, como afirma ele:

...é o equilíbrio atingido em um sistema quando todas as transformações possíveis foram realizadas e não existe mais nenhuma força; todos os potenciais se atualizaram e, tendo atingido seu mais baixo nível energético, o sistema não pode se transformar novamente (Simondon, 1964, p.06).

Nas antigas concepções do ser só havia o estável e o instável, o movimento e o repouso, a metaestabilidade não lhes era conhecida. Segundo a perspectiva de Simondon, este conceito se deve muito à ciência.

Então, Simondon propõe tomar a gênese dos cristais como paradigma do processo de individuação. A individuação cristalina não resulta do encontro entre uma forma e uma matéria prévias, constituídas anterior e separadamente, mas antes, uma resolução que surge no seio de um sistema metaestável rico em potenciais: “forma, matéria e energia preexistentes em um sistema” (Simondon, 1964, p.08). Para o princípio de individuação forma e matéria não bastam, já que o verdadeiro princípio de individuação é a mediação, que pressupõe a dualidade original de diferentes ordens de grandeza, onde não há, de início, comunicação interativa entre elas, mas só *a posteriori* quando as diferentes ordens de grandeza se estabilizam.

Quando a energia potencial de um sistema se atualiza uma matéria se ordena e se reparte, gerando indivíduos estruturados numa ordem mediana, desenvolvendo-se por um processo mediato que se amplia. Podemos dizer que essa individuação produz-se de modo instantâneo, brusco e definitivo, porque ela se limita ao primeiro estágio da individuação, o estágio do ser pré-individual.

No domínio físico é a ressonância interna que caracteriza o limite do indivíduo ao individuar-se. A estrutura interna do cristal resulta somente da atividade que é efetuada e da modulação operada no limite entre o exterior e o

interior. Isso quer dizer que o indivíduo físico é absolutamente descentrado, periférico em relação a si mesmo, ativo nos limites de seu domínio, esse indivíduo não possui uma interioridade verdadeira. Já o vivo tem interioridade, pois a individuação realiza-se dentro, como explica Simondon: “no indivíduo vivo, o interior também é constituinte, enquanto no indivíduo físico só o limite é constituinte, e o que é topologicamente interior é geneticamente anterior” (Simondon, 1964, p.10). O vivo, em todos os seus elementos, é contemporâneo de si mesmo, ao passo que no indivíduo físico há um passado radicalmente passado, mesmo quando ainda está em crescimento, como afirma o autor: “O vivo é, em seu próprio interior, um núcleo de comunicação informativa; ele é sistema em um sistema, que comporta em si mesmo mediação entre duas ordens de grandeza” (Simondon, 1964, p.10).

Assim, a concepção do ser em Simondon não repousa sobre a unidade de identidade mas, antes, sobre a unidade transdutora. Isso quer dizer que o ser pode se defasar nele mesmo, transbordar-se de um lado e de outro de seu centro. O que é chamado de relação ou dualidade de princípios são escalas ou graus do ser, que é mais que unidade e identidade. Nesse sentido, afirma Simondon: “o devir é uma dimensão do ser, não o que lhe advém consoante uma sucessão que seria sofrida por um ser primitivamente dado e substancial” (Simondon, 1964, p.16). A individuação é, pois, devir do ser e não modelo do ser que esgotaria sua significação. O ser individuado não é nem todo o ser, nem o ser primeiro.

Simondon propõe-nos apreender o ser individuado a partir do princípio de individuação e a individuação segundo o ser pré-individual ao invés de apreender a individuação a partir do ser individuado.

O ser pré-individual dispensa a vigência dos princípios lógicos de identidade e do terceiro excluído porque tais princípios só se aplicam ao ser individuado. O princípio de individuação reclama, segundo Simondon, a operação de *transdução*:

Por transdução entendemos uma operação física, biológica, mental, social, pela qual uma atividade se propaga gradativamente no interior de um domínio, fundando esta propagação sobre a estruturação do domínio operado de região em região: cada região de estrutura constituída serve de princípio de constituição à região seguinte, de modo que uma modificação se estende progressivamente ao mesmo tempo que esta operação estruturante. (Simondon, 1964, p.18).

A operação transdutora corresponde, ela própria, à individuação em desenvolvimento. No domínio físico ela se efetua sob a forma de repetição progressiva, mas em domínios mais complexos como o vital, por exemplo, em razão da metaestabilidade, a operação transdutora adquire constante variação, estendendo-se a domínios heterogêneos. No domínio físico, um exemplo simples da operação transdutora é o cristal. A partir de um germe muito pequeno, um cristal aumenta e cresce em todas as direções em sua água-mãe. Cada camada de molécula constituída serve de base estruturante para a camada que está se formando e o que resulta de tudo isso é uma estrutura em forma de rede ampliada. No processo de transdução vital, encontramos o princípio de individuação orgânica. Há transdução quando as atividades, funcional e estrutural, partem do centro do ser e se estendem em diversas direções, como se múltiplas dimensões do ser surgissem ao redor desse centro. A transdução, neste caso, corresponde à descoberta de dimensões a partir das quais se define uma problemática. A transdução pode ser utilizada em todos os domínios da individuação e manifesta a gênese das relações que se fundam sobre o ser.

Ontogênese e Topologia

A fim de aprofundarmos um pouco a pesquisa do princípio de individuação de Simondon é importante introduzirmos a *topologia* no domínio da individuação vital. Simondon sugere que se aborde as configurações topológicas do vivo a partir do próprio espaço em que ele se desenvolve e em função da relação que existe entre um meio interior e um meio exterior. Para o vivo a condição topológica parece ser essencial, como afirma o autor:

Se existisse um conjunto de configurações topológicas necessárias à vida, intraduzíveis em termos euclidianos, deveríamos considerar insuficiente qualquer tentativa de fazer um vivo com a matéria elaborada pela química orgânica; talvez a essência do vivo seja uma certa ordenação topológica que não se pode conhecer a partir da física e da química, utilizando geralmente o espaço euclidiano (Simondon, 1964, p.259).

Um exemplo elucidativo a propósito da condição topológica do vivo é a membrana, porque a membrana viva caracteriza-se precisamente por ser aquilo que separa o interior do exterior. A membrana polarizada permeia os movimentos centrípetos e centrífugos de um corpo. A membrana é viva porque ela sempre se repolariza. Uma membrana inerte rapidamente seria reconduzida

ao estado neutro, mas a membrana seletiva, viva, conserva suas propriedades regenerando-se. É ela que possibilita a diferenciação entre a individuação física e a vital, essencialmente, porque ela é seletiva. É ela que separa o meio interior do meio de exterioridade.

Para Simondon, o vivo vive no limite de si mesmo, sobre seu limite, e é precisamente em relação a este limite é que há duas direções: uma para dentro e outra para fora, mesmo no organismo mais simples e unicelular. O organismo mais simples chamado elementar não possui um interior imediato, mas somente um interior e um exterior absoluto. “Para este organismo a polaridade característica da vida está no nível da membrana; é neste terreno que a vida existe de modo essencial, como um aspecto de uma topologia dinâmica que mantém, ela própria, a metaestabilidade pela qual ela existe” (Simondon, 1964, p.261). Se a vida é um processo de autoconservação dessa metaestabilidade que exige uma condição topológica, então, pode-se dizer que estrutura e função estão intimamente ligadas porque a estrutura vital mais primordial e mais profunda é topológica.

O espaço interno do cristal não sustenta o prolongamento da individuação, porque esse prolongamento se faz nos limites do cristal em estado de crescimento. O interior e o exterior existem em cada camada molecular, isto é, na camada molecular já depositada em camadas em estado de decomposição. Se retirássemos de um cristal uma parte importante de sua substância não interromperíamos, contudo, seu crescimento, porque o interior é separado do exterior ou de seu limite de polaridade. Isso quer dizer que o interior não se mistura ou não é contemporâneo do exterior. É como se o interior fosse um passado em relação ao exterior, como afirma o autor:

...para que o cristal se individue é necessário que continue a crescer, esta individuação é peculiar, em sua massa o passado não serve para nada, tem apenas um papel bruto de sustentação, não manifesta a disponibilidade de um sinal de informação: o tempo sucessivo não é condensado (Simondon, 1964, p.263).

No vivo, o espaço de interioridade, com seu conteúdo, tem um papel na continuação da individuação. Se há ressonância é precisamente porque o que foi produzido no passado, através da individuação, faz parte do conteúdo do espaço interior, como explica o autor:

...todo o conteúdo do espaço interior está topologicamente em contato com o conteúdo do espaço exterior sobre os limites do vivo; não há, de fato, distância em topologia; toda a massa de matéria viva que está no espaço interior está presente

ativamente no mundo exterior sobre os limites do vivo: todos os produtos da individuação passada estão presentes sem distância e sem atraso. (Simondon, 1964, p. 263).

Para fazer parte do meio de interioridade não basta somente *estar dentro* no sentido euclidiano mas, antes, estar do lado interno do limite, sem atraso, sem isolamento e sem inércia. O vivo não interioriza somente ao assimilar, mas também condensa e sustenta tudo o que foi elaborado na sucessão.

O fato de uma substância viva encontrar-se no interior da membrana polarizada seletiva quer dizer que ela foi absorvida no passado condensado. E se uma substância está no exterior quer dizer que ela pode advir, ser colocada em assimilação, lesar o indivíduo vivo: “ela está por vir” (Simondon, 1964, p. 263). É precisamente no nível da membrana polarizada que passado interior e futuro exterior se afrontam; o presente do vivo é essencialmente este afrontamento na operação de assimilação seletiva. O presente vivo se faz através dessa polaridade da passagem e da recusa entre substâncias passadas e substâncias por vir, que se confrontam no processo de individuação. A metaestabilidade da relação entre o interno e o externo, isto é, passado e futuro é aquilo que caracteriza precisamente, para o vivo, o presente. É em razão desta operação *alagmática*, isto é, essa operação de troca, que o externo é externo e o interno é interno⁴.

O Plano das Intensidades em Deleuze

A partir das hipóteses de Simondon, acerca do princípio de individuação, Deleuze elabora sua própria concepção de individuação.

O campo intensivo de individuação simondoniano configura, em Deleuze, um meio pré-individual, virtual, no qual se encontram diferenças de intensidade. Por isso Deleuze se refere ao primado metodológico da embriologia, segundo o qual o ovo e o embrião constituem um meio intensivo de matérias não formadas, que Deleuze denomina *plano de consistência*⁵. O embrião, como sugere Sauvagnargues a propósito de Deleuze: “...é um sujeito larvar, uma massa material capaz de suportar grandes modificações, um tecido informal

4 A respeito da operação alagmática encontramos, em alguns autores, diferentes modos de explicação, mas optamos por utilizar a noção de *troca* pois parece haver uma troca, mudança ou conversão entre a operação e a estrutura. Cf. o comentário de Combres. *Simondon individu et collectivité*, p. 28-31. Ver também o prefácio de Garelli à edição de *L'Individu et sa genèse physico-biologique*, p. 261-268. Cf também Simondon, *L'Individu et sa genèse physico-biologique* p. 260-263.

5 A esse respeito cf. Deleuze; Guattari *Mil Platôs*, p. 39-41.

suscetível de atualizar um grande número de formas” (Sauvagnargues, 2004, p. 145). O embrião comporta movimentos, dobras e tensões, ele indica *dramatizações espaciotemporais*, diferenças locais.

A individuação produz a diferenciação como seu resultado: a gênese real não vai de um universal abstrato à espécie possível, ao indivíduo existente, mas antes, atualiza um campo problemático virtual, intensivo e real em indivíduos diferenciados. Nesse sentido, Deleuze aproxima a perspectiva embriológica de Geoffroy Saint-Hilaire ao princípio de individuação de Simondon: trata-se de passar da individuação física e vital, introduzida por Simondon, para a diferenciação cinemática dos materiais.

O ovo vital, campo intensivo de individuação, comporta dois momentos de uma *física das diferenças intensivas*: a diferença virtual e a diferença atual. A diferença virtual assinala a *diferençação* ideal, perfeitamente consistente. A diferença atual descreve a *diferenciação*, ou a individuação, pela qual as diferenças virtuais tomam a forma de um indivíduo diferenciado⁶. O ovo nos fornece o modelo da ordem das razões, pois ele comporta simultaneamente a diferenciação, a individuação, a dramatização, a diferenciação específica e orgânica. No que diz respeito à diferença de intensidade, tal como implicada no ovo, essa diferença exprime, inicialmente, relações diferenciais como uma matéria virtual a ser atualizada.

Um campo problemático de singularidades virtuais, mas reais e diferenciadas, se atualiza resolvendo sua disparidade inicial, como afirma Sauvagnargues: “é a individuação que se organiza, se estabiliza, se estratifica se diferenciando” (Sauvagnargues, 2004, p.146). Pode-se assinalar a ressonância do princípio de individuação de Simondon em Deleuze quando ele afirma que: “É sob a ação do campo de individuação que tais relações diferenciais e tais pontos notáveis (campo pré-individual), se atualizam” (Deleuze, 2006, p.347). Mas podemos também reconhecer aqui uma filiação de Deleuze às teses de Bergson, quando ele propõe que uma tal organização: “... se atualiza, isto é, se organiza segundo linhas diferenciais” (Deleuze, 2006, p.347). A idéia virtual e problemática comporta diferenças singularizadas sobre o plano virtual e se atualiza se diferenciando.

6 Para essa distinção nos servimos da equivalência estabelecida no glossário da edição brasileira de *Diferença e Repetição*: *différentiation* = *diferençação*; *différenciation* = *diferenciação*. A esse respeito cf. também a importante nota de Orlandi a propósito do vocábulo *diferença*, no qual o tradutor introduz um pequeno vocabulário a respeito dessas duas operações. Cf. Deleuze. *A Ilha Deserta*. p.129. NT.

Portador de dinamismos espaciotemporais em vias de organização, o embrião é, pois, o primeiro modelo de um corpo desprovido de órgãos, corpo não moldado, pela imagem de uma organização estática, fixada por uma espécie ou indivíduo adulto e formado. O embrião recebe os três caracteres do esboço, da intensidade e da passividade ou não resistência às transformações; informal, ele admite todo tipo de variações. O embrião presentifica justamente o momento do corpo que se encontra *antes* da representação orgânica. Ele contém eixos, vetores, zonas, movimentos e tendências dinâmicas em relação às quais as formas são pura contingência ou meros acessórios. O embrião possibilita, pois, pensar a diferenciação, a individuação orgânica em devir. Na medida em que o embrião é tão-somente um esboço, os movimentos de diferenciação orgânica constituem o surgimento das formas específicas. Nesse sentido, afirma Deleuze:

...o embrião não reproduz formas adultas ancestrais pertencentes a outras espécies, mas experimenta e sofre estados, empreende movimentos que não são viáveis especificamente, que ultrapassam os limites da espécie, do gênero, da ordem ou da classe, e que só podem ser vividos por ele, nas condições da vida embrionária (Deleuze, 2006, p.352).

Desse modo, Deleuze retoma o projeto de Nietzsche: “definir o corpo em devir, em intensidade, como potência de afetar e de ser afetado, ou seja, *Vontade de potência*” (Deleuze, 2004, p. 149). A atividade da vontade é substituída, por Deleuze, pela metamorfose do *corpo sem órgãos*: “...corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta pólos, zonas, limiares e gradientes” (Deleuze, 2004, p.148).

Essa concepção intensiva do corpo constitui, pois, uma nova concepção do domínio biológico. À maneira empirista, o indivíduo precede, de direito, a espécie e deve ser compreendido como um embrião em seu campo de individuação intensiva, como o próprio ovo vital. Os conceitos genéricos de espécie e de organismo adulto são meras formas, surgem posteriormente durante o processo de individuação. Desse modo, a produção de um corpo sem órgãos pode ser concebida ao conduzir a diferenciação específica e orgânica em direção a diferenciação cinética intensiva dos materiais pré-corporais. Os órgãos, as espécies, os indivíduos e as partes só existem enquanto resultados parciais e precários dessa diferenciação vital. Nesse sentido, afirma Deleuze:

Consideramos que a diferença de intensidade, tal como está implicada no ovo, exprime antes de tudo relações diferenciais como uma matéria virtual a ser atualizada. Este campo intensivo de individuação determina que as relações que ele exprime se encarnem em dinamismos espaciotemporais (dramatização), em espécies que correspondem a essas relações (diferença específica), em partes orgânicas que correspondem aos pontos notáveis dessas relações (diferença orgânica). É sempre a individuação que comanda a atualização: as partes orgânicas só são induzidas a partir dos gradientes de sua vizinhança intensiva; os tipos só se especificam em função da intensidade individuante. A intensidade é sempre primeira em relação às qualidades específicas e às extensões orgânicas. (Deleuze, 2006, p. 352).

Deleuze valoriza as formas involutivas e o sujeito larvar, embrionário. A larva ou o embrião constituem a materialidade virtual a se atualizar. A diferenciação é, pois, verdadeira criação, *élan vital* bergsoniano que pode, a partir de Deleuze, evoluir ou involuir: involução criadora deleuziana. A larva é um modo inacabado ou uma indeterminação imatura do indivíduo ou forma adulta. A larva, ou embrião, designa um modo de individuação real através da qual uma entidade se atualiza, sem se assujeitar às transcendências da forma ou do sujeito, como afirma Deleuze: “Não há mais formas [pré-existentes], mas relações cinemáticas entre elementos não formados; não há mais sujeitos mas individuações dinâmicas sem sujeito” (Deleuze, 1998, p.109). As larvas constituem uma matéria informal variável, uma modulação intensiva das forças, uma matéria intensa e não formada que ainda não se configurou enquanto composição estável, apresentando, portanto, um coeficiente mínimo de organização, como afirma Deleuze:

A verdade da embriologia é que há movimentos vitais sistemáticos, escorregamentos, torsões que só o embrião pode suportar: o adulto sairia dilacerado. Há movimentos dos quais só se pode ser paciente, mas o paciente, por sua vez, só pode ser uma larva (Deleuze, 2005, p.173-174)

Deleuze privilegia o informal e valoriza, na individuação, o primeiro momento do ser, o momento pré-individual. O primado do informe caracteriza, em Deleuze, uma filosofia das forças, uma capacidade metamórfica do pensamento para atingir a variação dos devires e a potência germinativa da vida.

Somos constituídos de profundidades e distâncias, almas intensivas que se desenvolvem e se reenvolvem, um conjunto de intensidades envolventes e envolvidas, de diferenças individuantes e individuais, que não param de penetrar-se entre si.

A individuação pensada sob a perspectiva desses dois pensadores: Simondon e Deleuze, propõe-nos um novo horizonte de problemas, no qual o ser ou o sujeito são pensados a partir do princípio de individuação e não a individuação a partir do ser ou do sujeito. Através da individuação o indivíduo ou ser se constituem, mas não são, nem o primeiro momento do ser, nem o ser primeiro, mas somente uma fase do ser que se constitui num campo próprio à individuação, no campo pré-individual no qual as intensidades e os fluxos, as diferenças móveis e comunicantes não cessam de se envolver e de serem envolvidas, constituindo, pois, as potências vitais em germe.

Referências Bibliográficas

Deleuze, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução revista de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. *A ilha deserta*. Edição preparada por David Lapoujade. Organização da edição brasileira e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed.34, 2004.

Deleuze, Gilles; Parnet, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

_____. *Francis Bacon: logique de la sensation*. Paris: Seuil, 2002.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia II*. vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Simondon, Gilbert. *L'Individu et sa Genèse Physicobiologique*. Paris: PUF, 1964.
Bailly, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1950.

Châtelet, Gilles (org.). *Gilbert Simondon: une pensée de l'individuation et de la technique*. Paris: Albin Michel, 1994.

Combes Muriel. *Simondon individu et collectivité*. Paris: PUF, 1999.

Hottois, Gilbert. *Simondon et la philosophie de la "culture technique"*. Bruxelles: De Boeck Université, 1993.

Pearson, Keith Ansell. *Germinal Life: the différence and repetition of Deleuze*. London: Routledge, 1999.

Pelbart, Peter Pál; Costa, Rogério da (orgs.) *Cadernos de subjetividade* vol.1, nº.1. São Paulo: Hucitec 1993.

Zourabichvili, François; Sauvagnargues, Anne; Marrati, Paola. *La philosophie de Deleuze*. Paris: PUF, 2004.